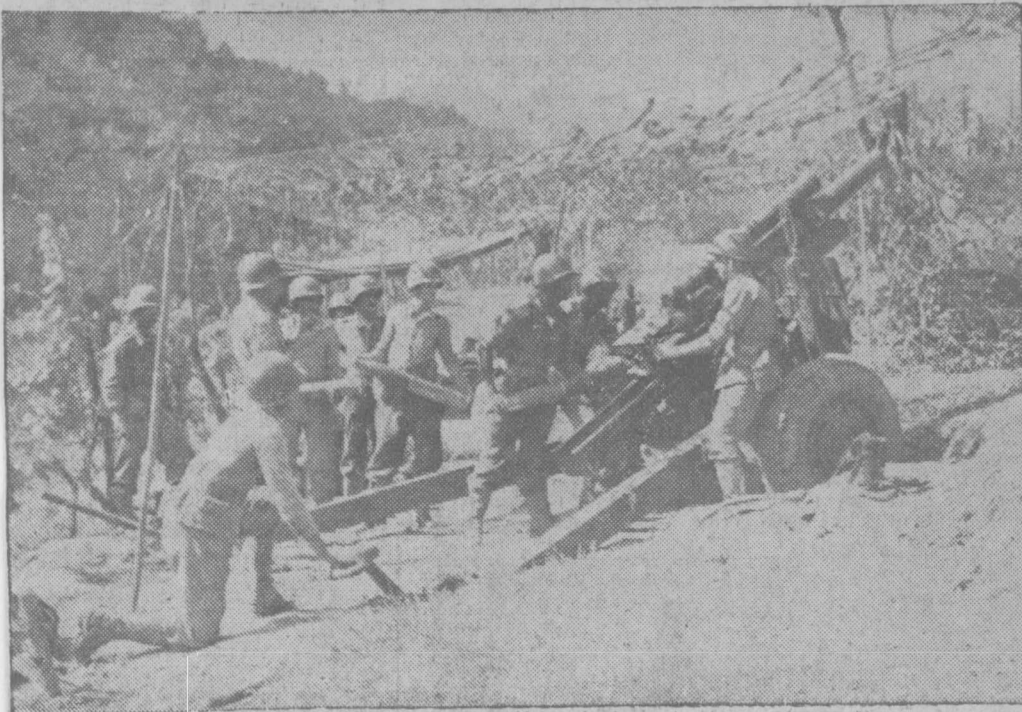


FAZEM FOGO OS CANHÕES BRASILEIROS



Um canhão brasileiro de 105 milímetros entra em ação, apoiando o avanço da infantaria no norte da Itália. A guarnição dessa peça da Força Expedicionária Brasileira compõe-se dos seguintes combatentes: terceiro sargento João Casagrande, de São Paulo; cabo Adão Rosa da Rocha, do Rio de Janeiro; soldado João da Silva Pereira, Olavo da Silva Barbosa, José Cabral Teixeira, Alberto Garcia do Vale, Osvaldo Alves de Moraes e o municionador Francisco de Paula, do Rio de Janeiro; soldado Marlo Alves Torres, de Minas Gerais e soldado Alfredo Chaves, de Niterói, Estado do Rio. Essa peça foi uma das primeiras da F. E. B. a entrar em ação contra os nazistas, no dia 16 de setembro. (Foto da Inter-Americana)



Rubem Braga

De Rubem Braga Para o DIARIO CARIOCA

O PRACINHA JUAN

Nasceu Em Sorocaba e Defendeu Madri Sob o Comando de Miaja — Naquele Tempo Tinha 14 Anos — Lutou Até o Fim da Guerra, Mudou de Terra, Mudou de Nome, Passou Fome e Fugiu do Fuzilamento — Quando Soube Que o Brasil Tinha Declarado Guerra, Voltou Correndo: Ia Brigar de Novo Contra os Nazistas — Quando a Guerra Acabar, Vai Casar e Morar Em São Paulo — Antes, Porem, Tem Umhas Continhas a Ajustar Na Espanha de Franco

COM O 2º ESCALÃO DA F. E. B., EM VIAGEM PARA A ITALIA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Por via Aérea — E' soldado raso, tem 22 anos, nasceu em Sorocaba, mas certamente tem mais coisa para contar que qualquer outro rapaz de Sorocaba, e já viu mais bala do que qualquer soldado raso do Brasil.

Chama-se Juan, e me conta

sua historia. Quando tinha 5 anos os pais, que eram espanhóis, resolveram voltar para a Espanha. Cresceu em Madrid, onde seu pai era trabalhador. Um dia — tinha 14 anos — ouviu no radio uma declaração do general Miaja. Madrid estava em perigo, e só o povo podia defender a cidade. Juan pegou em armas, porque todos, velhos e moços, homens e mulheres, saíram á rua para lutar

de qualquer jeito. Depois voltou para casa: era muito criança e o pai reclamou junto ás autoridades.

Mas no ano seguinte a revolta continuava, e Juan entrou para a Brigada Internacional. Havia ali americanos, ingleses, poloneses, franceses, italianos, alemães, brasileiros. homens de todas as raças, e a disciplina era feroz.

Uma brigada ficou em Madrid, mas Juan, que era da 32ª, foi para Teruel. Tropas de mouros, italianos, alemães e espanhóis lutavam ali ao lado de Franco contra a Republica. Teruel foi tomada e retomada mais de uma vez. Os "Junkers" experimentavam bombas devastadoras sobre as tropas republicanas, cuja aviação era fraca.

Juan passou depois para um Batalhão espanhol e continuou lutando. Lutou até o fim da guerra. Depois se escondeu.

mudou de terra, mudou de nome, foi perseguido. Em 1942 não havia quase comida: o

(Conclue na 2ª pag.)

"D.C." 26/10/44

{ O pracinha Juan
{ Com a FEB - (assinado)
pg. 24

O PRACINHA JUAN

(Conclusão da 1ª pag.)

povo passava fome, porque a Espanha mandava os generos para a Alemanha. Todos os dias, em Madrid, eram fuzilados 70 a 80 pessoas, ano após ano.

Juan precisava trabalhar — e precisava não ser fuzilado. Um oficial do Exército de seu batalhão passara-se para os franquistas quase ao fim da guerra — levando consigo a papelada toda, inclusive a lista dos soldados voluntarios. Quando a guerra acabou, aqueles voluntarios eram procurados com muito carinho pela policia franquista. Juan sabia disso.

Andou de um lado para outro, voltou para Madrid. A vida cada vez pior. Juan ficou espantado com o seu pai e sua mãe: eram gordos antes da guerra e estavam agora magros os dois. Um dia, Juan soube que o Brasil tinha entrado na guerra contra a Alemanha, e lembrou-se que era brasileiro. Correu ao Consulado e disse que queria voltar para o Brasil para se alistar.

O homem do consulado arrumou-lhe o passaporte e mandou-o á policia apanhar um visto. Juan não gostou da ideia, mas foi á policia. Lá um homem o atendeu e lhe disse coisas pouco agradaveis: que ele não era brasileiro coisa alguma, era espanhol e com toda a certeza um miseravel porco republicano assassino anarquista, e não ia receber visto nenhum e se aparecesse ali outra vez seria fuzilado, e aliás, merecia ser fuzilado de uma vez.

Juan voltou ao consulado. O homem do consulado mandou-o outra vez á policia, desta vez com uma carta. Juan não sabe e que estava escrito na carta. Outro homem o atendeu, leu a carta, e lhe disse que voltasse ás 8 horas da noite. Ás 8 da noite Juan encontrou o mesmo homem que pela manhã lhe falara em fuzilamento, e foi recebido com um berro. Juan falou da carta, o homem procurou a carta e afinal lhe entregou o documento dizendo que se ele era mesmo brasileiro que sumisse logo. Juan não queria outra coisa.

Veio para o Brasil no "Oulabá" e imediatamente se apresentou no Ministerio da Guerra. Foi mandado para São Paulo. Caiu doente, esteve num hospital militar, mas apareceram espanhóis de S. Paulo que lhe mandavam frutas e presentes. Juan disse que foi tratado como um rei. Serviu em varias unidades no interior e no litoral e afinal lhe fizeram o desejo: Juan entrou para a F. E. B. Aqui está ele o pracinha Juan.

Pergunto se gosta tanto assim de guerra. Diz que não é isso. Quer lutar contra os nazistas, precisa lutar contra os nazistas — e quando Juan diz que precisa lutar contra os nazistas Juan diz isso de um modo tão profundo como um homem com sede diz que "precisa" de agua. Essa sede tem explicação: Juan tem lembranças que amarguram demais um homem.

Seus dois irmãozinhos estavam brincando na rua com o filho de um falangista e um deles deu um tapa no filho do falangista. O falangista e outros falangistas pegaram os dois meninos, fizeram-lhe uma cruz na cabeça a maquina zero e os obrigaram a tomar oleo de ricino. E o pai de Juan não reagiu e Juan não reagiu.

Juan ia pela rua com a sua noiva, e dois homens o agarraram pelas costas e um o esbofeteou na cara — e ele não teve sorte de poder fugir. Mas apanhou na cara, e não se esquece disso.

O irmão de Juan foi ferido 4 vezes na guerra e caiu prisioneiro, e nunca foi possível saber nada a respeito dele. Outros parentes seus foram assassinados, e um tio está conhecido a 30 anos de cadeia.

Tres meses antes de Juan sair de Madrid sua mãe foi ao interior visitar a mãe dela. Esta lhe deu um litro de azeite, feito com suas proprias azeitonas. Quando regressava a Madrid a mãe foi revistada e encontraram o litro de azeite. A velha foi multada em uma quantia equivalente a 1 conto

de réis e lhe tomaram o azeite. Não pagou a multa.

Tres dias antes de Juan sair da Espanha, sua mãe recebeu um aviso dizendo que se não pagasse a multa dentro de um certo prazo iria passar 3 meses na cadeia. Juan não sabe se sua mãe foi para a cadeia ou não. Juan sabe que os comerciantes falangistas ou que dão dinheiro á Falange podem esconder azeite á vontade para vender a bom preço.

Juan me fala sobretudo de Alfonso Gomez y Gomez, seu melhor amigo. Uma vez ele estava o lado de Alfonso e veio ordem de avançar. Juan começou a rastejar sob o fogo das metralhadoras e reparou que Alfonso não avançava. Voltou para chamá-lo. Alfonso estava com o fuzil na mão, mas imóvel. Morrerá em um segundo, com uma bala no coração. O cabo também voltou, e viu. "Vamos, Juan!"

Juan foi para a frente e nunca mais viu Alfonso.

Juan me fala sobre o novo fuzil Springfield. Diz que na guerra da Espanha lutou com tres tipos de armas: dois fuzis e um mosquetão. ~~Avia~~ ^{Havia} armas de toda a especie, e principalmente poucas armas. Agora vai lutar com um Springfield, e está satisfeito: gosta do Springfield.

— Depois da guerra, v. vai viver no Brasil, Juan?

Diz que sim. Seu ideal é casar e levar a noiva para S. Paulo. Mas Juan tem outros ideais. Tem guardados na memoria o nome daquele capitão que traiu a República e os sete soldados, e o nome daquele falangista, vizinho. E outros nomes.

Mas é cedo; agora Juan quer se entender com os nazistas. Para lutar outra vez contra os nazistas. Juan atravessou duas vezes o Atlantico. Foi de Madrid ao Rio, a São Paulo e a Goiaz, e agora veiu á Italia. Enquanto houver nazistas no mundo Juan andará atrás deles.

Um cabo grita:
— "Espanhol", v. perde o rancho!

O pracinha Juan se despede de mim e mergulha por uma escada de bordo.

Amanhã: — "Peracto — "crack". soldado e jornalista".

"D.C." - 26/10/44

Havia

O Pracinha Juan,
Set. 44 - FEB
pg. 18